



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROFESSOR ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

BIANCCA SANTOS DE LIMA

**PEDAGOGIAS CULTURAIS EM ENTREVISTA SOBRE A LENDA DO BOTO COR-
DE-ROSA**

**ITABAIANA
2025**

BIANCCA SANTOS DE LIMA

**PEDAGOGIAS CULTURAIS EM ENTREVISTA SOBRE A LENDA DO BOTO COR-
DE-ROSA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação, da Universidade Federal de Sergipe, Campus Universitário Professor Alberto Carvalho, como requisito para obtenção do grau de licenciado(a) em Pedagogia.

Orientadora:
Profa. Dra. Fernanda Amorim Accorsi

ITABAIANA
2025

BIANCCA SANTOS DE LIMA

**PEDAGOGIAS CULTURAIS EM ENTREVISTA SOBRE A LENDA DO BOTO COR-
DE-ROSA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação, da Universidade Federal de Sergipe, Campus Universitário Professor Alberto Carvalho, como requisito para obtenção do grau de licenciado(a) em Pedagogia.

Orientadora:
Profa. Dra. Fernanda Amorim Accorsi

Aprovada em: 26 de junho de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Paulo Sergio da Silva Santos
Universidade Federal de Sergipe

Monica Andrade Modesto
Universidade Federal de Sergipe

Fernanda Amorim Accorsi
Universidade Federal de Sergipe

ITABAIANA
2025

Dedico este trabalho à todos(as) aqueles(as) que contribuíram com a minha formação e todos(as) que esta pesquisa venha tocar, em especial, à todas as mulheres vítimas de violência sexual.

AGRADECIMENTOS

Com os olhos encharcados e com o coração transbordando de alegria, escrevo estas palavras para tentar descrever tamanha gratidão. Ao Dono dos meus dias, agradeço por não soltar minha mão, por sempre estar ao meu lado sussurrando ao meu ouvido "VOCÊ É CAPAZ". Se não fosse Deus e a sua brisa suave soprada em meu coração, transmitindo paz e tranquilidade eu não teria conseguido.

Me faltam palavras para descrever o carinho e a admiração que tenho à minha orientadora, Prof. Dra. Fernanda Amorim Accorsi. Sua dedicação e talento são indescritíveis, sem dúvidas imprescindíveis para execução deste trabalho que simboliza o encerramento, ou não, de um ciclo. Muito obrigada!

Aos meus pais, Vera Lúcia e Fabiano, que sempre me apoiaram, cada um na sua singularidade, mas nunca me deixaram cair e nem desistir, ouvir a voz de vocês me deixou segura e me fez continuar. Aos meus irmãos, Luiz Fabiano e Pedro Jorge, agradeço por cada momento e por ouvirem minhas lamentações.

Ao meu noivo, Wemerson, agradeço por tudo, por sempre me dar condições de seguir, por ser compreensivo na minha ausência enquanto me dedicava na escrita, por me apoiar, e ser meu alicerce em todos os momentos.

Às minhas amigas, Kauanny e Taynara, obrigada por dividirem o peso do processo, por estarem ao meu lado, por acreditarem em mim e sempre estarem ao meu lado. À todos que, direto ou indiretamente contribuíram com a minha formação para que eu chegasse até esse momento, muito obrigada.

Não nomeamos nossas dores, nossos sofrimentos, nossas reflexões porque aprendemos, pedagógica e repetidamente, que chorar, reclamar, brigar e gritar é desagradável, não condiz como comportamento de 'boa moça' esperado por uma sociedade que hierarquiza razão em detrimento da emoção.

(Accorsi, Maio, 2019, p. 29)

RESUMO

A pesquisa analisa o quadro de entrevista "Fazer o bem não importa a quem", do dia 28 de janeiro de 2024, da Rede Globo de Televisão, denominado de Domingão com o Huck com duas entrevistadas, Anne Cleyane e Zaya Guarani. Entende que a referida entrevista é uma Pedagogia Cultural porque reverbera saberes e poderes, fazendo com que os sujeitos aprendam sobre o tema. O problema de pesquisa que orienta o estudo é: de quais modos uma entrevista sobre uma lenda urbana pode servir como alerta sobre violência sexual? O objetivo geral do trabalho é problematizar a violência sexual e suas múltiplas formas de camuflagem. O trabalho é uma pesquisa documental, ancorada nos pressupostos dos Estudos Culturais e dos Modos de Endereçamento. Vimos que a violência sexual é uma das maiores expressões de opressão no contexto contemporâneo, e o papel da educação nesse enfrentamento é fundamental. As Pedagogias Culturais manifestadas na entrevista nos convida a enxergar os processos de ensino e aprendizagem como espaços de resistência, em que é possível transformar a realidade de abusos e desigualdades vivida por essas crianças e adolescentes.

Palavras-chave: Boto-cor-de-rosa, patriarcado, machismo, educação sexual, meninas ribeirinhas.

ABSTRACT

The research analyzes the interview segment "Doing good doesn't matter to whom", from January 28, 2024, on Rede Globo de Televisão, called *Domingão com o Huck* with two interviewees, Anne Cleyane and Zaya Guarani. It understands that the interview in question is a cultural pedagogy because it reverberates knowledge and powers, making the subjects learn about the subject. The research problem that guides the study is: in what ways can an interview about an urban legend serve as a warning about sexual violence? The general objective of the work is to problematize sexual violence and its multiple forms of camouflage. The work is a documentary research, anchored in the assumptions of Cultural Studies and Modes of Addressing. We saw that sexual violence is one of the greatest expressions of oppression in the contemporary context, and the role of education in confronting it is fundamental. The cultural pedagogy expressed in the interview invites us to see the teaching and learning processes as spaces of resistance, in which it is possible to transform the reality of abuse and inequality experienced by these children and adolescents.

Keywords: Pink dolphin, patriarchy, machismo, sexual education, riverside girls.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	TRAJETOS METODOLÓGICOS	13
3	A CULPA NÃO É DO BOTO! ANÁLISE DOCUMENTAL DA ENTREVISTA SOBRE VIOLÊNCIA SEXUAL DAS MENINAS RIBEIRINHAS	16
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
5	REFERÊNCIAS	26
6	ANEXOS	28

1 INTRODUÇÃO

Este estudo se desdobra acerca da violência sexual contra a mulher, para isso discute como o patriarcado e machismo estão instaurados na sociedade brasileira e, ainda, problematiza como a educação sexual pode prevenir e proteger as mulheres. O ponto de partida para a tessitura das discussões se dá com uma entrevista sobre uma lenda urbana que pode servir como alerta sobre violência sexual.

A lenda mencionada anteriormente é a do boto-cor-de-rosa, um animal que vive nos rios amazônicos. Segundo o folclore, que conta sua história, nas noites de festas, principalmente em São João e São Pedro, ele se transforma em um belo homem, sedutor e charmoso, e sai pelas ruas a procura de moças para se relacionar, as quais se relacionam com ele e engravidam. Como o encanto mágico, que faz com que ele se transforme em ser humano, acaba na manhã seguinte, as mulheres que ficam grávidas consequentemente se tornam mães solo. Todo este cenário fantasioso serve como cortina de fumaça para esconder uma prática: a violência sexual.

A entrevista mencionada anteriormente possui 27 minutos e 44 segundos e foi feita com vítimas de violências sexual no quadro "Fazer o bem não importa a quem", no dia 28 de janeiro de 2024, em um programa da Rede Globo de Televisão, denominado de Domingão com o Huck. Nela, o apresentador, Luciano Huck, entrevista duas vítimas de violência sexual, **Anne Cleyane**, psicóloga ativista que atua em regiões ribeirinhas da Amazônia e **Zaya Guarani**, modelo indígena e ativista ambiental. Elas descrevem com detalhes como as mulheres/meninas dessa região sofrem constantemente pela falta de informação. Ainda que elas não tenham sido vítimas da lenda, elas sofreram violência e compreendem, na sua corporalidade e subjetividade, as histórias das meninas ribeirinhas.

Essas meninas, violentadas por familiares ou pessoas da comunidade, acabam engravidando e para esconder o crime de estupro, a gravidez é justificada pela lenda do boto-cor-de-rosa e, assim, são consideradas grávidas do boto e não do estuprador, violentando ainda mais aquela criança, pois continuará convivendo com seu violentador. Em virtude da falta de acesso aos conhecimentos básicos sobre educação sexual e direitos humanos, segundo a psicóloga **Anne Cleyane**, durante a entrevista, em alguns casos, essas meninas nem acreditam que estão grávidas, pois aquela violência sofrida, para elas não é um ato capaz de gerar vida. O eufemismo e falta de conhecimento da gravidade da situação tira toda credibilidade e fere todos os direitos básicos daquelas pessoas.

O **problema de pesquisa** que orienta o trabalho é: Pode uma entrevista

sobre uma lenda urbana pode servir como alerta sobre violência sexual? Este estudo é conduzido pela perspectiva teórico-metodológica dos Estudos Culturais, porque há a defesa de que as mídias educam, os contos populares também, logo as lendas urbanas [ou ribeirinhas] são Pedagogias Culturais, entendidas, nesta pesquisa, como ampliação dos lugares de aprendizagem, logo, os processos educativos ocorrem em múltiplos locais não-escolares (Andrade, Costa, 2017).

Vemos, portanto, que a lenda é a cultura do estupro, que refere-se aos processos e às práticas culturais que perpetuam, naturalizam e até legitimam a violência sexual de várias formas, desde comportamentos cotidianos até representações em mídias, religiões e instituições sociais (Araújo, 2019). Interessa-nos entender como as sociedades, de modo naturalizado e silencioso, promovem atitudes e valores que são relevantes para a normalização do estupro e das violências de gênero, e como essa cultura pode atuar como verdades situadas no contexto machista que destina ao estuprador um lugar de proteção.

Por isso, operamos com o conceito de dispositivo para interpretar a entrevista, que, conforme Foucault (2000, p. 244), se refere a

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos.

Durante a entrevista, a psicóloga **Anne Cleyane** descreve de que forma a educação, em especial a sexual, pode ser uma ferramenta aliada do enfrentamento dessa problemática. Este estudo tem como **objetivo geral** problematizar a violência sexual e suas múltiplas formas de camuflagem. Os **objetivos específicos** são: investigar como a entrevista sobre a lenda do boto pode alertar as pessoas sobre a banalização da violência sexual contra mulheres e discutir, a partir da entrevista citada anteriormente, a relação entre violência sexual e a cultura do estupro, cuja implementação social está voltada para a maneira como a sexualidade é ensinada, nas representações da mulher na mídia, nos discursos sociais que minimizam a gravidade da violência sexual ou culpabilizam as vítimas, e na perpetuação de estereótipos de gênero. Socialmente, a ideia estabelecida é que esses elementos culturais orientam atitudes e práticas sexuais.

Segundo Tatiana Landini (2006), não há como negar que o tema da violência sexual contra as crianças e adolescentes tem recebido grande atenção por parte da mídia, seja mídia impressa (jornais diários e revistas semanais), seja da televisão. Partir de uma entrevista com

vítimas diretas desse descaso social é essencial para identificar possíveis estigmas e preconceitos que perpetuam a cultura de silêncio. Educadores(as) podem ser os(as) primeiros(as) a identificar sinais de abuso. Ter conhecimento sobre as manifestações físicas, simbólicas e culturais pode ajudar na intervenção que salva vidas.

Minha trajetória¹ acadêmica sempre esteve muito próxima dos Estudos de Gênero, de forma que todos os conteúdos que estudava e explorava fora do ambiente acadêmico me despertava o desejo de pesquisar ainda mais sobre a violência sexual contra a mulher, machismo, e toda conjuntura que faz essa ferida social se perpetuar por toda existência feminina. Este desejo de busca sobre o tema em questão aprimorou-se quanto passei a fazer parte do Grupo de Pesquisas e Estudos em Práticas Educativas, Corpo e Ambiente (PEPECA), o qual atua no Campus Universitário Prof. Alberto Carvalho, da Universidade Federal de Sergipe (UFS), promovendo luta por equidade de direitos das pessoas minorizadas, em especial mulheres e a comunidade LGBTQIAPN+. O cenário está longe do que posso chamar de ideal, mas segundo Cardoso e Santos (2021), o enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes, nas últimas décadas, tem sido mais cuidadosamente observado pelo poder público e também mais discutido pela sociedade. Portanto, este estudo se faz necessário para servir como pedagogia da compreensão dos casos que rompem com a cultura de silenciamento.

Enquanto justificativa pessoal, no meu primeiro contato como profissional da educação, durante um programa governamental denominado de +Educação, que visava implementar reforço escolar para alunos(as) da educação básica nas áreas de linguagem e matemática, aplicado na comunidade de Altos Verdes, povoado do município de Carira-SE, pude observar diretamente no comportamento das crianças a necessidade de uma educação sexual efetiva, para garantir a integridade física e emocional das crianças.

A violência sexual é um fenômeno complexo que envolve fatores culturais, sociais e psicológicos. Uma abordagem interdisciplinar da educação sexual pode ser uma ferramenta eficaz para a prevenção e combate a esse tipo de violência. A **hipótese** deste estudo é que a entrevista pode oferecer elementos para a formação em pedagogia, em que professores(as) sejam agentes conscientes da importância da educação sexual. Essa abordagem atua não apenas na formação de indivíduos mais críticos, mas também na transformação de normas e comportamentos culturais que frequentemente permeiam a sociedade.

2 TRAJETOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa se desdobra em dois momentos, o primeiro é denominado de coleta de dados documentais e informações sobre a temática, com a exploração de textos e de informações apresentadas pela entrevista. Houve a seleção de informações que dialoguem com a perspectiva teórico-metodológica dos Estudos Culturais e das relações de gênero.

Este trabalho baseia-se no método de pesquisa bibliográfica que se caracteriza pela utilização de materiais já publicados para a elaboração de um novo, usando fontes diversas como artigos, livros, vídeos. A pesquisa bibliográfica é uma ferramenta essencial no processo de construção do conhecimento científico, oferecendo subsídios teóricos e metodológicos para o desenvolvimento de novas pesquisas. Ela consiste em um levantamento e análise crítica das produções científicas já existentes, como livros, artigos, dissertações e teses, que abordam o objeto de estudo (Gil, 2017).

Além disso, trata-se de uma pesquisa documental, pois parte de uma entrevista publicada em 2024, disponível à análise. Ainda que o programa *Domingão com Huck* não seja jornalístico, o objeto estudado é a entrevista como gênero que faz uma apuração “[...] junto a uma fonte capaz de diálogo” (Lage, 2001, p. 73). Ela envolve a obtenção de respostas pré-pautadas por um questionário ou roteiro (com um personagem que seja notável ou possua informações de interesse público, que neste caso é a prática que embasa a entrevista estudada nesta pesquisa (Fávero e Andrade, 1998; França e Trindade, 2009; Lage, 2001).

Nas palavras de Gil (2017, 34), a pesquisa documental “vale-se de toda sorte de documentos, elaborados com finalidades diversas”. Deste modo, o documento analisado foi veiculado em uma tarde de domingo pela Rede Globo, cuja sede está situada no Jardim Botânico, na cidade do Rio de Janeiro, foi fundada pelo empresário Roberto Marinho, e é uma rede de comunicação em massa que transmite noticiários, jornais esportivos e informativos, telenovelas, programas de entretenimento e, conseqüentemente, informação aberta (Brittos, Bolaños, 2005).

O programa apresentado por Luciano Huck aborda um estilo variado, com quadros de jogos, apresentações musicais, entrevistas, homenagens, e outras atrações, este programa foi criado no ano de 2022. Considero pertinente realizar a análise da entrevista porque

[...] o que distingue a Rede Globo de Televisão (RGTV) de outras redes privadas e comerciais e não só sua centralidade na construção de

¹ A partir de agora, usarei, conforme defendem os Estudos Culturais, a primeira pessoa do singular.

representações sociais dominantes, mas o grau de interferência direta que passou a exercer como ator decisivo em vários momentos da história política do Brasil.

Analisar a entrevista do programa dominical é compreender como a rede de televisão aberta pode servir pedagogicamente à sociedade sobre o alerta da violência sexual. A metodologia documental é especialmente útil para análises políticas, pois oferece um contexto mais amplo ao(à) pesquisador(a). Esta pesquisa também é classificada como qualitativa interpretativa, segundo Gil (2017, p. 40) no enfoque deste tipo de pesquisa "o mundo e a sociedade devem ser entendidos segundo a perspectiva daqueles que o vivenciam", o objeto de pesquisa, que neste caso é a violência sexual sofrida e descrita por mulheres que foram vítimas, é compreendido como algo construído socialmente. A pesquisa qualitativa tem se consolidado como uma abordagem essencial para compreender a complexidade dos fenômenos humanos. Dentre suas diversas modalidades, a pesquisa descritiva qualitativa se destaca por seu foco em descrever, interpretar e compreender experiências vividas, sem necessariamente buscar generalizações estatísticas.

Os achados na pesquisa serão analisados sob a ótica de teorizações das autoras de gênero e feministas, cujas abordagens consideram as vozes e experiências de grupos que foram historicamente marginalizados, suas obras são chamadas à ação para a transformação social e criação de um mundo mais justo, seus trabalhos abordam representação dos grupos minorizados nas mídias. Segundo Rosângela Soares (2018, p. 47) “além da escolarização e da família, a construção social e discursiva dos sujeitos também se constitui na cultura musical, nas revistas, filmes, programas de TV e outros espaços pedagógicos.”

Sendo assim, a análise da narrativa das entrevistadas ocorre na modalidade cultural-midiática, em que são feitas articulações entre o que é dito com o que é lido. Como consideramos a referida entrevista um dispositivo, que possui linhas de enunciação, são elas que são interpretadas sob a ótica dos estudos feministas e das teorizações de gênero neste trabalho (Deleuze et al, 1996). As narrativas das entrevistadas são, portanto, articuladas ao referencial teórico adotado na pesquisa, entretanto não há a pretensão de esgotar o assunto, por isso foram selecionadas as falas consideradas mais contundentes com a transformação social, que davam margem para causar estranhamento, questionamento e mudança social. O olhar destinado às falas selecionadas das entrevistadas – e o contexto da fala delas – foi interpretado a partir dos Modos de Endereçamento, de Elizabeth (2001), cujo conceito se desdobra em entender para quem são feitos os dispositivos midiáticos.

O Modo de Endereçamento advém dos estudos de cinema, mas como afirma

Ellsworth (2001) também é uma questão de educação e pode ser utilizado para interpretar outros estudos de mídia. O público que assiste ao filme – ou o programa Domingão do Huck - pode concordar ou discordar dos Modos de Endereçamento, é isso que faz o filme -ou o programa - ter sucesso ou não, porém é algo imprevisível, sendo que eles “erram seus públicos, de uma forma ou de outra” (Ellsworth, 2001, p. 44).

Como nos filmes, os Modos de Endereçamento na educação deveriam ser imprevisíveis, mas não é o que ocorre ocasionalmente nas pedagogias mais tradicionais, tenta-se prever os resultados e formas de recepção dos conteúdos programáticos impostos pelo currículo, sendo impossível, o caminho mais viável é que esse endereçamento seja “volátil” (Ellsworth, 2001). O que não quer dizer que esse currículo deva ser mudado, mas tomar noção de que por mais que o mesmo texto seja direcionado para diferentes alunos(as) as formas de recepção e interpretação serão distintas, em sua maioria, sendo que cada aluno(a) precisa possuir base de formação cidadã previamente estabelecida pelo seio familiar e cada professor(a), por mais imparcial que seja, carrega valores pessoais em seus discursos. Os Modos de Endereçamento não podem ser mudados, mas as respostas dos alunos(as) podem.

Assim como os filmes, entrevistas também são endereçadas, há um público-alvo. Conforme as palavras de Luciano Huck, durante a apresentação do quadro onde a entrevista estudada foi ao ar, “em um horário sagrado da televisão brasileira”, aquele espaço precisava ser usado “com responsabilidade”, ele convida o público “a ouvir, aprender, refletir, se emocionar e se engajar com a história”, é o que será feito na próxima seção, uma reflexão sobre a referida entrevista.

3 A CULPA NÃO É DO BOTO! ANÁLISE DOCUMENTAL DA ENTREVISTA SOBRE VIOLÊNCIA SEXUAL DAS MENINAS RIBEIRINHAS

A entrevista dada por **Zaya Guarani** e **Anne Cleyane** ao apresentador Luciano Huck no programa Domingão com Huck, é uma Pedagogia Cultural, porque desnaturalizou e quebrou o silêncio sobre o tema violência sexual nas comunidades ribeirinhas. O conceito das pedagogias faz referência às necessidades culturais, científicas e sociais de cada época ou tempo histórico, segundo Comozzato (2014). A pulsante cultura contemporânea precisa ser salientada com um importante instrumento dos nomes e lugares em que se ancoram as pedagogias, “[...] uma vez que seria difícil pensar-se em alguma pedagogia que não seja produzida pela cultura, sendo, portanto, culturais todas as pedagogias” (Costa, 2010, p. 136-137).

Deste modo, a entrevista de uma rede de TV aberta é um dispositivo de informação e divulgação de práticas e saberes sobre a violência sexual sofrida pelas meninas/mulheres ribeirinhas. No tempo presente, terceira década do século XXI, onde as pessoas têm acesso às informações de maneira instantânea, o uso desses dispositivos de divulgação com a finalidade de enunciar realidades é de extrema importância porque ocorre uma "potente multiplicação dos nomes e lugares em que se ancoram as pedagogias", validando os saberes e conhecimentos propagados (Comozzato, 2014, p.02).

É válido destacar que a maneira de abordagem dos Estudos Culturais não se trata apenas de uma nova pedagogia, ou uma pedagogia que anule as já existentes, "mas de novas ênfases, de reconfigurações, formas atualizadas de funcionamento e de colocar em operações discursos de hoje" (Comozzato, 2014, p. 02). Durante a entrevista, **Zaya Guarani** faz um apelo ao público, nele, ela pede que a população olhe para as mulheres brasileiras, enxerguem as mulheres indígenas e as ajudem a ecoar uma voz pelo mundo sobre a dignidade feminina, para isto, é necessário instaurar na sociedade o conceito "de que a pedagogia procura responder às exigências que cada tempo coloca para a produção de tipos de sujeitos que lhe correspondam, levando adiante o mundo em que vivem, adaptando-se a ele" (Comozzato, 2014, p. 03).

As duas entrevistadas colocam em circulação Pedagogias Culturais sobre o estupro, que são compreendidas aqui como um modo educativo silencioso que opera na vida das mulheres ribeirinhas as violentando a partir da defesa e da difusão de uma lenda local, do Boto cor-de-rosa. As entrevistadas ensinam que a gravidez pelo suposto contato com o

referido animal é uma prática que legitima o estupro das meninas (Soares, 2018). A voz da dignidade feminina precisa ser ouvida em todos os cantos, a libertação dessas meninas/mulheres desse ciclo cultural do estupro precisa ser ecoada. A denúncia feita pelo programa analisado desvela a lenda do Boto-cor-de-rosa e diversas outras violências silenciosas existentes na sociedade. Nosso compromisso pedagógico, portanto, é estimular o estranhamento daquilo que é considerado verdade, porque fora, tantas e tantas vezes, repetido.

"O saber não é construído fora das relações de poder nem em oposição a ele. O poder necessita produzir, organizar e sistematizar os saberes sobre aqueles a quem se dirige e sobre as ações destes" (Soares, 2018, p. 48). Sendo o saber uma fonte de hierarquia que detém poder, deve-se considerar, que a propagação de saberes educativos, nas diversas esferas da sociedade, com a finalidade de propagar informações de qualidade e desmistificar contos, como o do Boto, o que pode contribuir para uma sociedade menos elitizada e machista, dando voz e vez para meninas/mulheres vítimas do machismo estrutural.

A classificação de pesquisas e estudos na área de Pedagogias Culturais é “[...] útil para referirmo-nos àquelas práticas culturais extraescolares que participam de forma incisiva na construção de sujeitos” (Costa, 2010, p. 137). A utilização de mecanismos como a entrevista estudada nesta pesquisa refere-se exatamente a essa prática, estuda-se um objeto produzido fora das paredes escolares cuja finalidade também é educar e moldar os sujeitos para uma sociedade mais justa e igualitária.

No que tange aos direitos legais das crianças e adolescentes brasileiros é válido destacar que existe um histórico de criação de leis que deveriam assegurar os direitos humanos básicos de sobrevivência. Como descreve Costa e Santos (2001), a Declaração de Genebra (1924) prevê proteção para toda e qualquer criança, independente de raça, nacionalidade ou crença, de qualquer forma de exploração, o que inclui também a sexual. No Brasil, no ano de 2000, durante o Plano Plurianual, criou-se o Programa de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual contra Crianças e Adolescentes, este programa tinha como objetivo principal reduzir os índices de abuso e exploração sexual infantil e adolescente no Brasil, este programa previu a criação do Plano Nacional de Enfrentamento da Violência contra Crianças e Adolescentes, que é vigente até os dias atuais (Brasil, 2021). No ano de 2004, a responsabilidade da garantia e criação de políticas públicas foi integrada à Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República. O Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei Federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990, abrange e reafirma o compromisso e garantia dos direitos básicos por parte da família, estado e sociedade para com as crianças e adolescentes em todo território nacional, garantindo vida livre e segura.

Segundo Luciana Temer, durante a entrevista, a violência sexual no Brasil continua sendo uma realidade, estima-se que mais de quatro crianças, menores de 13 anos são estupradas por hora, e que este quantitativo é apenas 10% do que realmente ocorre. Então, dadas as circunstâncias, esta não é a realidade almejada na legislação. A violência sexual ainda é um problema crescente que atinge todas as camadas da sociedade brasileira e algumas com maior incidência. “Na contramão de cenário tão defasado, tem-se a inércia do poder Estatal com relação às comunidades ribeirinhas e a indiferença aos indicadores da violência sexual infantil, predominantes nestas comunidades” (Costa e Santos, 2021, p. 02), nas comunidades ribeirinhas, como no caso da psicóloga **Anne Cleyane e de Zaya Guarani**, que relataram suas experiências durante a entrevista, esta realidade é vivida por muitas gerações.

A violência sexual infantil é entendida como um fenômeno social que atinge gerações diferentes e transcende o tempo histórico. Durante a entrevista, **Anne Cleyane** faz um relato que comprova a existência de uma cultura do estupro que é transgeracional: “E eu falei pra minha mãe o que acontecia. Quando eu falei pra minha mãe o que acontecia, minha mãe começou a chorar muito, e ela falou: ‘ninguém nunca acreditou em mim’” (Anne Cleyane, 14 min, 57 segundos, 2024), a dor sofrida pela mãe de **Anne Cleyane** também foi sentida por ela. A narrativa é uma linha de enunciação que sugere que a dor não é só dela, pode ser coletiva porque deixa marcas nos corpos e nas subjetividades das mulheres (Deleuze et al, 1996).

Em algumas comunidades a realidade de acesso à informação ainda é precária. Em regiões ribeirinhas, por exemplo, como no caso de **Zaya e Anne**, em virtude de diversos fatores, bem como o descaso estatal, a desinformação é ainda mais vívida.

Nas comunidades ribeirinhas a cultura amazônica, além do espaço escolar, é expressa na cultura da conversa, oralidade dos mais antigos, que se utilizam dos espaços comunitários e religiosos para a transmissão dos saberes, dos valores e da tradição social das populações locais (Cardoso e Santos, 2021, p.10).

Esta cultura de propagação de saberes e valores, por meio da transmissão oral implica em diversos fatores, bem como na validação e reafirmação da cultura do estupro, através por exemplo, de lendas como a do boto. Em contraposição está o espaço escolar que deve se unir a família para enfrentar e desmistificar esses contos.

Como alerta Araújo (2020, p. 55), “[e]sse é um peso que a mulher carrega praticamente sozinha”, o peso da solidão pós violência sexual, essa solidão é relatada por **Zaya Guarani** na entrevista: “Eu me lembro uma vez, eu sentada na frente de uma delegacia

a tarde inteira, eu não saí de lá, no meio fio, ninguém me perguntou o que eu tava fazendo ali, ninguém tentou entender, porque aquela menina tá ali sentada a tarde inteira?" (Zaya Guarani, 11 min, 30 segundos, 2024). A cultura do estupro, que é uma consequência direta do machismo estrutural, se caracteriza pela normalização e até justificativa da violência sexual. Ela se baseia em mitos e estereótipos como a ideia de que a mulher "provoca" a violência sexual ou que ela é responsável pelo que acontece com seu corpo. "O corpo da mulher é um corpo socialmente sem valor se comparado ao corpo masculino porque representa a falta, a abstenção, a nulidade da presença do pênis, tão aclamado pela sociedade machista que enaltece o falo" (Accorsi, Maio, 2019, p. 35).

O machismo estrutural também promove a ideia de que homens e mulheres devem se comportar de maneira rígida, conforme papéis sociais estabelecidos, o que interfere diretamente na violência sexual ao estabelecer normas e práticas que perpetuam a desigualdade entre homens e mulheres, legitimam a violência como uma expressão de poder masculino e dificultam a responsabilização dos agressores. Para combater a violência sexual, é fundamental questionar e dismantelar as estruturas de machismo presentes na sociedade, promovendo a educação de gênero, políticas públicas de apoio às vítimas e uma mudança cultural que valorize a igualdade e o respeito mútuo entre os sexos.

Hooks (2018) argumenta que o patriarcado é uma estrutura de poder profundamente enraizada na sociedade, **Anne Cleyane**, durante a entrevista, evidencia esse aprofundamento social, ela diz: "Eu cresci no meio da Amazônia, onde o abuso que é quase cultural atravessa gerações" (Anne Cleyane, 03 min, 30 segundos, 2024). Para as mulheres, o patriarcado impõe uma identidade submissa e inferior, enquanto para os homens, ele exige uma performance constante de poder e dominação. Ao homem, a prática sexual é sobre poder, à mulher, amor e romantização. Quando as diferenças sobre atos sexuais se encontram, podem ocorrer abusos de um gênero sobre o outro. Deste modo, a cultura tem responsabilidade sobre os casos alarmantes de estupro de mulheres. Em suas análises, Hooks (2018) destaca como a educação tradicional, centrada em valores patriarcais, pode reforçar essas desigualdades e marginalizar as vozes de mulheres.

As Pedagogias Culturais advinda da entrevista atua como uma forma de resistência contra o patriarcado, não apenas desafiando as normas de gênero, mas também proporcionando uma plataforma para a reconfiguração das relações de poder porque desvela práticas e tradições que precisam ser pensadas se a intenção for proteger meninas e mulheres. Hooks (2018) sustenta que as educadoras e educadores devem criar espaços pedagógicos que questionem as narrativas dominantes e deem voz a histórias e experiências marginalizadas,

especialmente aquelas de mulheres negras e outras mulheres que têm sido historicamente silenciadas.

A problemática social denominada de cultura do estupro não mancha apenas a sociedade, mas cria feridas nas vítimas, feridas essas que sangram por toda existência dessas meninas/mulheres, causando o Transtorno de Estresse Pós-traumático (TEPT). “O TEPT é tanto a principal sequela de estupro quanto o estupro é uma das principais causas do TEPT, ficando atrás apenas de guerras com seu principal desencadeante” (Araujo, 2019, p. 67). A referida problemática social pode desencadear infecções sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada, esta última comum na lenda do Boto.

A dor sentida pelas vítimas é escancarada por **Zaya Guarani** durante seu relato na entrevista:

Eu tentava ter uma vida normal, mas eu sabia que o abuso tava dentro de casa. Então, muitas vezes eu não queria voltar, eu fugia, muitas vezes eu tive que fazer coisas erradas pra poder me salvar. A minha vontade era de se matar todo dia, (choro, emocionado) e o pior de tudo... é a minha mãe todo dia falar pra mim “você não pode falar que você é indígena por aí, esse lado da nossa história tem que ficar com a gente.”. Hoje eu tô em retomada identitária. Eu me lembro uma vez, eu sentada na frente de uma delegacia a tarde inteira, eu não saí de lá, no meio fio, ninguém me perguntou o que eu tava fazendo ali, ninguém tentou entender, porque aquela menina tá ali sentada a tarde inteira? Eu não tinha coragem e me faltava atitude de alguém tentar entender o que tava acontecendo. (Zaya Guarani, 10 min, 47 segundos, 2024, grifos meus)

Um crime que está entre nós, está na sutilidade de piadas machistas, está na busca por pornografia infantil, está na sexualização dos corpos, dos corpos de crianças, está no apagamento das ocorrências, sejam crimes com maior visibilidade ou não, no pacto de silenciamento, segundo Accorsi e Maio (2019, p. 29) "Ao serem localizadas como supostos dramas pessoais, as violências são camufladas por delegacias, juízes, policiais, que desqualificam as narrativas de mulheres porque estão contaminados com os ideais machistas, sexistas e misóginos". Está na desinformação, na propagação de notícias falsas, como o caso noticiado pelo *site* jornalístico Carta Capital, que tomou notoriedade nas eleições presidenciais de 2022, no qual um dos maiores divulgadores da *fake news* sobre o denominado de kit gay, o militar Jorge Riguette, foi listado pelo FBI e preso como um dos maiores divulgadores de pornografia infantil. Casos de violência sexual assustam, mas é necessário que os mecanismos educativos se unam a sociedade com a finalidade de retirar as cortinas de fumaça que cobrem esse problema social.

Na fala de **Anne Cleyane** durante a entrevista fica evidenciado esse pacto silencioso

descrito anteriormente, ela diz:

Quando começaram a explorar a Amazônia e abrir a Amazônia, foram depositando muitos homens na Amazônia e esses homens foram com a missão de abrir o caminho. E a partir disso, quando eles começam a violentar essas mulheres essas crianças começam a nascer, começa-se a associar, o que já tinha esse paralelo, com o Boto. E, quando eles se casam e começam a abusar de suas próprias filhas, e essas meninas engravidam, eles, como um **contrato silencioso** que mantido até hoje, o contrato é mantido, a lenda pode ter variações, mas esse contrato silencioso ele é real na Amazônia inteira. Do qual, quando a menina engravida eles falam que é do Boto, por quê? Porque eles não vão denunciar o seu Manoel da padaria que é tão simpático. As pessoas acreditam que, sempre é um ser mitológico, um monstro que vai abusar de sua própria filha e então eles associam ao Boto essa gravidez, e existem meninas ainda hoje que por falta de educação sexual, elas não sabem que aquele ato, e eu já atendi meninas que não sabiam que o que o pai fazia com ela era abuso e quando a gente comunicou pra ela que ela tava grávida ela falava que era impossível, porque aquilo era carinho. (Anne Cleyane, 12 min, 27 segundos, 2024 , grifos meus)

Na mesma proporção em que as mídias e Pedagogias Culturais educam positivamente, o olhar midiático e pedagógico pode ser enviesado pela cultura machista que oprime as mulheres. Segundo Accorsi e Maio (2019, p. 32),

A mídia enfatiza uma condição específica de ser mulher com base nos paradigmas instituídos historicamente da branquitude que demonstra as contradições sociais e culturais em torno da violência contra as mulheres uma vez que existe uma seletividade social, classista e de geração do que é exibido midiaticamente.

Deste modo, a lenda do Boto é naturalizada porque protege o machismo e não protege as meninas mais vulneráveis da sociedade brasileira: as indígenas e as ribeirinhas, que compõem os grupos minorizados. Sendo assim, "[...] é possível interpretar que o alicerce midiático não serve para todas as mulheres" (Accorsi; Maio, 2019, p.32), pois para ser ferramenta de enfrentamento à problemática da violência sexual têm que ir contra à inclinação social machista.

Entretanto, a tradição e a história são masculinas, advindas da cultura machista que delegou ao homem colonizador o lugar de porta voz dos costumes brasileiros. Por isso, questionar a lenda do Boto é questionar a masculinidade hegemônica, o que não é visto de modo agradável pelo patriarcado. “Essa regra estipula que não é permitido questionar a honestidade, as motivações e os conhecimentos do homem” (Castañeda, 2006, p. 123). Quando **Zaya Guarani** se apresenta dizendo "sou indígena e eu também sofri abuso na

infância" e **Anne Cleyane**, mulher negra, diz "moro na Amazônia, eu sofri abuso na infância" é possível notar que não há vergonha em ser vítima, quem precisa se envergonhar são os abusadores (Araújo, 2019). As linhas de enunciação deste trecho visibilizam duas mulheres gritando uma realidade que não é só delas. Entretanto, "[a] sobreposição de notícias sobre violência contra a mulher massifica as histórias, encobre os nomes e especificidades e pode se tornar mero dado estatístico que choca os sujeitos, mas não tem o compromisso de modificar as relações ocorridas no tecido social." (Accorsi, Maio, 2019, p. 30). Até porque os gritos de duas mulheres, que representam tantas outras, estão ecoando porque elas foram autorizadas por um homem branco, o apresentador do programa.

Ainda que a exibição da entrevista seja relevante para revelar a realidade das mulheres ribeirinhas, "[...] o corpo da mulher tem sido tratado como mercadoria", afinal a entrevista foi ao ar para angariar audiência, o que corresponde, neste caso, ao lucro (Accorsi, Maio, 2019, p. 33). **Anne Cleyane** fala durante a entrevista "a educação ela liberta, a educação quando ela é real, ela liberta" (Anne Cleyane, 15 min, 46 segundos, 2024), a educação precisa ser crítica e de fato efetiva, para que atinja toda a população, não somente aqueles que frequentam o ambiente escolar, mas a sociedade em geral, "[a] mídia é outro importante componente, uma vez que as matérias relacionadas ao tema geralmente implicam em aflição popular e clamor social por justiça." (Costa e Santos, 2021, p. 04). A inclusão de uma educação sexual adequada nas escolas e nas comunidades é fundamental. A educação sexual não se resume ao ensino sobre anatomia ou reprodução, mas envolve uma abordagem holística que considera a sexualidade como uma parte fundamental do ser humano. Ela abrange informações sobre aspectos biológicos, psicológicos, sociais e culturais relacionados ao comportamento sexual, educação sexual é proteção para crianças e adolescentes, esta orientação ajudará a formar adultos que saibam dos seus direitos e deveres relacionados aos seus corpos e corpos alheios. Os parâmetros nacionais da educação preveem uma educação sexual no ambiente escolar cuja intencionalidade está descrita acima, "A educação sexual é entendida como um conjunto de informações e reflexões que devem estar presentes ao longo de toda a vida escolar, com o objetivo de contribuir para a construção da identidade dos alunos e alunas e para a vivência da sexualidade de forma responsável, prazerosa e ética" (Brasil, 1998, p. 21).

Para tanto, é essencial que os (as) educadores (as) estejam capacitados para lidar com os temas de maneira sensível e respeitosa, sem tabus, respeitando a diversidade de pensamentos e valores presentes na sociedade. A educação sexual, aliado à boas interpretações e mudanças sociais coletivas, deve ser feita de forma inclusiva, levando em consideração as diferentes faixas etárias, etapas de desenvolvimento e o contexto cultural.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa evidenciou que a violência sexual é um tema que está entrelaçado nas relações sociais brasileiras. Foram discutidas as Pedagogias Culturais do estupro que são as formas que a sociedade educa os sujeitos para proteger os estupradores. As análises das falas e posicionamentos feitos na entrevista foram compreendidos como dispositivos que são discursos que ressoam e podem se tornar Pedagogias Culturais sobre as marcas que ficam nas vítimas e a dor que essas mulheres sacrificadas pela violência sexual carregam sozinhas em suas existências.

A pesquisa mostrou a potência do trabalho de conscientização e do trabalho educativo escolar e extraescolar. Quando **Anne Cleyane** afirma que o despertar para sua luta e mudança de vida foi estar em uma palestra sobre os percentuais de abusos que ocorriam no ano de 2011, ela valida o ideal de que por meio do acolhimento e políticas públicas de fato efetivas é possível transformar a sociedade, mesmo sabendo da proporção desta problemática. Deste modo, instituímos a Pedagogia da Compreensão, para que meninas e mulheres sejam realmente vistas e ouvidas, uma vez que tradições podem ser práticas de violências, se não forem enxergadas e refletidas.

Ficaram evidentes as linhas de enunciação da entrevista, que promoveu um olhar de valorização as experiências e identidades culturais da população, enquanto a educação sexual busca promover o conhecimento, o respeito e a autonomia sobre o corpo, os afetos e as relações interpessoais. Ao integrar essas duas abordagens, é possível criar um meio social inclusivo e sensível às diferentes realidades culturais, permitindo que se desenvolvam uma compreensão mais ampla e crítica sobre sua própria sexualidade, identidades de gênero, e os desafios impostos por normas sociais e culturais.

A violência sexual é uma das maiores expressões de opressão no contexto contemporâneo, e o papel da educação nesse enfrentamento é fundamental para proteção das mulheres. As Pedagogias Culturais manifestadas na entrevista, nos convida a enxergar os processos de ensino e aprendizagem como espaços de resistência, em que é possível transformar a realidade de abusos e desigualdades vivida por essas crianças e adolescentes. Foi possível verificar que a entrevista é uma Pedagogia Cultural da denúncia, que coloca como principais emissoras Anne e Zaya, duas mulheres vulnerabilizadas pelo contexto machista. A educação deve ser um veículo de lutas por melhorias sociais, criando um espaço para o diálogo e desconstrução desse cenário onde o machismo estrutural corrompe as relações de poder.

Quando esta educação não resiste as desigualdades sociais, a violência sexual segue sendo normalizada. A ausência de acesso à educação gera um analfabetismo no sentido mais amplo, funcional, afetando a formação e o respeito dentro de uma sociedade. Em contextos como o das comunidades ribeirinhas, que estão geograficamente distantes dos centros urbanos, a carência de uma educação estruturada contribui para a perpetuação de práticas culturais que podem ser prejudiciais, como a iniciação sexual precoce. Essa prática, muitas vezes, ocorre de forma coercitiva, sem o respeito aos direitos individuais, refletindo a falta de consciência crítica que a educação pode proporcionar e o distanciamento das normativas mais amplas e protetivas da sociedade.

O objetivo geral desta pesquisa foi alcançado, uma vez que a entrevista serviu como alerta para desvelar a verdadeira face da história do Boto-cor-de-rosa, e como essa e outras histórias folclóricas são utilizadas para banalizar um assunto que fere a dignidade das mulheres, a violência sexual. Além disso, nos mostra como a cultura do estupro está tão camuflada na sociedade brasileira, uma vez que como descrito por Anne em suas falas, atravessa gerações e poucas providências com finalidade de solucionar são tomadas. Assim, com o apoio do aporte teórico deste trabalho, é possível afirmar que a educação, mesmo aquela advinda das mídias, pode se tornar uma ferramenta poderosa na prevenção e enfrentamento da violência sexual, criando um ambiente mais seguro e acolhedor para todos e todas. A conscientização, o debate aberto e a construção de uma cultura de respeito mútuo são passos fundamentais para erradicar essa violência.

A entrevista foi endereçada à população comum e pode ter servido de base para desvelar o significado que uma sociedade machista dá ao corpo da mulher, onde o corpo não é dela, mas sim da situação, do outro, pertencendo aqueles que, ao se sentirem no direito, o utilizam de maneira cruel, conforme lhes for conveniente, ele se torna objeto de domínio e manipulação, sujeito à vontade daqueles que exigem dor e sofrimento, sem considerar a autonomia ou os limites, através da maneira como representa não apenas corpos femininos, que foram vítimas de violência, mas corpos femininos que sofrem dois tipos de silenciamento, quando sofre a violência e quando não se ganha notoriedade social, pois são corpos que para o patriarcado tem menor relevância social que outro, na entrevista as mulheres representadas são uma negra e uma indígena.

Durante a entrevista explorada ao longo desse estudo, que é uma forma de Pedagogia Cultural que uniu o aparato da mídia à uma necessidade social, fica evidente que o descaso e a negligência sofrida por essas mulheres está presente em todos os lugares. A hipótese deste estudo de que a entrevista pode oferecer elementos para a formação em pedagogia, e que

os(as) professores(as) podem ser agentes conscientes da importância da educação sexual foi confirmada, uma vez que ela desmistifica alguns *tabus* sociais, como o que sugere invasão do corpo feminino simplesmente por ser o que é, um corpo feminino.

Em algumas falas de Anne e Zaya na entrevista, fica comprovado que educação sexual, baseada nos estudos culturais que valorizam o corpo feminino, e os(as) professores(as) são fundamentais no enfrentamento ao problema social da violência sexual. A alfabetização desempenha um papel fundamental na promoção da mudança, sendo uma ferramenta essencial para o desenvolvimento pessoal e social. Ao criar a socialização e a inclusão, ela cria um ambiente estimulante que proporciona o aprendizado contínuo. Esse processo não só prepara os indivíduos para participarem de debates profundos e construtivos, mas também desperta neles a curiosidade e o desejo incessante pelo saber, ampliando suas capacidades cognitivas e ampliando horizontes.

As políticas públicas podem trabalhar, lado a lado, com educadores(as), jornais e programas televisivos por todo o Brasil, uma vez que, assim como Anne, possa haver mais engajamento em favor do direito à vida das mulheres. Portanto, é necessário que professores(as), formados(as) e em formação, especialmente pedagogos(as), estejam atentos às formas e manifestações das marcas da violência sexual, para que elas sejam usadas com a agentes de um mundo mais justo para suas alunas.

REFERÊNCIAS

ACCORSI, Fernanda Amorim; MAIO, Eliane Rose. O objeto jogado do quarto andar era um corpo – de mulher. In: **Diversidade e Educação**. V. 7, n.1, Jan/Jun. 2019, p.27-38. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/8681/5981>. Acesso em 17 de mar. de 2025.

ANDRADE, Paula Deporte de. COSTA, Marisa Vorraber. No rastros do conceito de pedagogias culturais: invenção, disseminação e usos. In: **EDUR – Educação em revista**. Nº 33. Belo horizonte, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edur/a/FTppyqQTJPm7YVWxWvmTj8S/>>. Acesso em: 27 de fev. de 2025.

ARAÚJO, Ana Paula. **Abuso: a cultura do estupro no Brasil**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2020.

BRASIL.Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Atualizado até a Lei nº 14.344, de 24 de maio de 2022.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: orientação sexual. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Plano Nacional de Enfrentamento da Violência contra Crianças e Adolescentes - Matriz 02: Exploração Sexual. **Ministério dos direitos humanos e da cidadania**. Fev, 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/participamaisbrasil/planevca-matriz-02-exploracao-sexual>>. Acesso em: 10 de mar. de 2015.

BRITTO, Valério Cruz; BOLAÑO, César Ricardo Siqueira. **Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia**. São Paulo: Paulus, 2005.

CASTAÑEDA, Marina. **O machismo invisível**. São Paulo: A Girafa editora, 2006. Disponível em:<<https://pt.scribd.com/document/521674487/26-06-LIVRO-O-machismo-invisi-vel>>

COMOZZATO, Viviane Castro.**Pegagogias do presente**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 39, n. 2, p. 573-593, abr./jun. 2014. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>

COSTA, Fernanda Cardoso; SANTOS, Kátia Paulino. **Violencia sexual infantil e os mecanismos de inibição adotados por escola pública da comunidade Ribeirinha da Ilha de Santana - Amapá**. Brazilian Journal of Development, Curitiba, v.7, n.2, p.15825-15844 fev. 2021. Disponível em:<<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/24754/19740>>

COSTA, Marisa Vorraber. Sobre a Contribuição das Análises Culturais para a Formação de Professores no Início do Século XXI.**Educar em Revista**(Impresso), v. 37, n. 37, p. 129-152, ago./maio 2010.

DELEUZE, Gilles et al. O que é um dispositivo. **O mistério de Ariana**, v. 3, 1996.

ELLSWORTH, Elizabeth. Nunca fomos humanos nos rastros do sujeito. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema, uma coisa de educação também. Traduzido por: Tomaz Tadeu da Silva. **Autêntica Editora**, Belo Horizonte, 2001.

FOUCAULT, Michel. Sobre a História da sexualidade. In: _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2000. p. 243 – 274.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

LANDINI, Tatiana. **Vilência sexual contra crianças na mídia impressa: gênero e geração**. *cadernos pagu*, São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, Thais Reis. **Listado no FBI, militar preso por pornografia infantil criticava 'kit gay'**. Carta Capital. 18 de jan. de 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/listado-no-fbi-militar-preso-por-pornografia-infantil-criticava-kit-gay/>. Acesso em: 09 de mar. de 2025.

ANEXO A - ENTREVISTA

Luciano Huck: - Eu queria fazer um convite para você que está em casa, quando a gente assumiu esse programa em um domingo à noite, a gente se comprometeu a trabalhar incansavelmente para que esse fosse um espaço, primeiro com muito respeito, ao entrar na casa de todo mundo, com muito cuidado, sabendo da responsabilidade, que não só eu, mas todo mundo que faz esse programa a gente tem, em conversar com o Brasil todo domingo à noite, em um horário sagrado da televisão brasileira, num palco que foi construído com muito trabalho, muito carinho, com muito afinco, há mais de 30 anos. A gente quer que seja um espaço para se divertir, dar risada, sacanear o mundo, curtir, enfim, tem os artistas todos, a dança, ser um espaço de entreterimento. mas que também em algumas vezes, a gente pare e pense, use essa vitrine com responsabilidade. E aí, quando a gente começou a fazer nossa série, fazer o bem não importa a quem, há dois anos atrás, um dos temas que a gente prometeu que a gente ia, a ideia é fazer com que, mostrar a brasileiros que com muito pouco, estejam fazendo muito pelas suas comunidades, e tem um tema específico que quando nasceu o quadro, seu Elie Rorn que é um dos maiores filantropos do Brasil e uma das causas mais importantes que ele fomenta e as bandeiras que ele levanta junto com a Luciana Temer é sobre o abuso sexual de crianças e adolescente, que é um assunto muito sério no Brasil, muito, muito sério. Então hoje, pra encerrar essa temporada da série de matérias que a gente fez no fazer o bem não importa a quem, a gente vai promover um encontro de duas mulheres que sobreviveram, sobreviveram a uma violência terrível e transformaram essa dor em luta, como eu disse e vou repetir, estou falando de violência sexual contra crianças e adolescentes que é um crime brutal, que a sociedade frequentemente ignora, e que é um crime que não faz distinção de cor, de religião, de classe social, de cep, de endereço, de nada, acontece aqui, acontece ali, acontece em lugares que a gente nem imagina muito perto da gente, afetando milhares de crianças e adolescentes. Então convido você que está em casa a ouvir, aprender, refletir, se emocionar e se engajar com a história que a gente vai contar, que é a história da Anne e da Zaya, pode rodar.

Voz feminina (Anne): Ah, se ele fez tanto tempo isso com ela porque ela não falou antes, não julgem, a mulher é vítima! E não muito raro, o seu filho também.

Anne:- Se apresenta (Meu nome é Anne Cleyanne, tenho 34 anos, moro na Amazônia, eu sofri abuso na infância).

Zaya: - Meu nome é Zaya Guarani, tenho 22 anos, sou indígena e eu também sofri abuso na infância. Hoje sou modelo, ativista ambiental, estampo campanhas pelo mundo todo.

O que ninguém imagina é que por trás das capas de revista existe uma história difícil de ser contada.

(Música de tensão...)

Anne: - Eu cresci no meio da Amazônia, onde o abuso que é quase cultural atravessa gerações.

Vozes de noticiários: - Mulher: Denúncias de abuso e exploração sexual infantil online escalaram no Brasil.

Homem: - O maior número de estupros da história em um trimestre.

Mulher: - No mundo mulheres estão agindo para dar um basta a rotina de assédios.

Luciana Temer: - O problema da violência sexual no Brasil é gigante! São mais de 4 menores de 13 anos estupradas por hora no país e a gente sabe que isso é só 10% do que verdadeiramente acontece. Mais de 70% desta violência acontece dentro de casa, praticada por familiares, o número de meninas abusadas é maior do que o de meninos, a idade das meninas, a maioria tem entre 10 e 13 anos, dos meninos entre 5 e 9 anos.

Rosilei Lima (delegada): - A vizinha não quer reportar, o vizinho não quer reportar a violência.

Anne: - As meninas, elas são questionadas quando elas denunciam. Todo mundo é questionado, as pessoas não acreditam!

Adriane Parente (delegada): - Você escutou o seu vizinho ali, agredindo, você escutou gritos, você escutou confusão, chame a polícia! Você está fazendo o seu papel de cidadão!

Anne: É preciso acolher as vítimas e romper o ciclo, para que as próximas gerações não sejam violentadas.

Rosilei Lima (delegada): A mulher chegava e ficava no mesmo ambiente do registro da ocorrência, onde a polícia militar levava o infrator. E muitas vezes a mulher acabava, naquele momento, não querendo relatar de fato como os fatos aconteceram por causa da presença física do agressor. Nós temos que criar um ambiente em que a mulher fique nesse ambiente mais tranquila, mais sossegada.

Anne: essas meninas tem que ser humanizadas, elas precisam ser acolhidas, elas precisam do sistema, elas precisam de políticas públicas.

(Trilha sonora...)

Anne: - Muitas pessoas que estão em situação de violência acreditam que elas têm algum tipo de culpa de estar na situação de violência, e quando elas são tratadas com o mínimo de hostilidade dentro do sistema, elas desistem de procurar ajuda, e isso as coloca em mais vulnerabilidade.

(Trilha sonora...)

Anne: - Eu não vou me calar, por muito tempo eu achei que esse era o caminho, mas hoje eu vejo que a informação e a educação podem transformar uma vida, meu trabalho hoje é conscientizar, educar e acolher.

(Trilha sonora...)

Anne: - Meu convite para vocês essa tarde, é para que vocês olhem pra vocês, pra dentro de vocês mesmo, pra emoções e relações de vocês, porque é a chave, uma chave muito importante para vocês terem uma vida de qualidade, para vocês terem uma qualidade de vida e serem as profissionais e os profissionais que são.

Anne: - Minha missão é fazer com que as meninas compreendam que sim, elas tem escolha, que o abuso não é normal, e que elas merecem uma vida digna assim como todas as outras mulheres desse país.

Zaya: - Essa é a minha verdade que ficou guardada por muito tempo. Hoje eu aprendi que ao contá-la eu posso ajudar milhares de meninas que estão passando pelo mesmo que eu passei.

Anne: - Minha missão é garantir que nenhuma criança ou adolescente seja vítima de abuso sexual nesse país!

(Luciano Hulk recepciona Anne e Zaya no palco do programa...)

(Elas estão separadas por uma parede cenográfica e cada uma fica de um lado do palco.)

Luciano: - Vocês duas não se conhece, nunca se ouviram, vocês nunca se viram, vão continuar sem se ver, vão poder se ouvir e vão se conhecer e no final dessa conversa que eu vou ter com vocês duas, eu vou levantar essa tapadeira (parede cenográfica) e a reação é de vocês, cada uma reage a história da outra como quiser. Eu tenho absoluta certeza que o bem que a gente vai fazer para meninas, adolescentes e mulheres, hoje nesse programa é um serviço enorme, onde nós homens, temos que ouvir, temos que reagir, refletir, temos que aprender e pensar. Muito obrigado, pela confiança de vocês duas, estou encantado, a cena que estou vendo aqui é muito poderosa, porque eu estou vivendo a história de vocês duas há muito tempo. Quais são as lembranças de infância Zaya, quando você saía de manhã o que você via?

Zaya: - Eu quase não tenho lembranças de toda a minha infância porque eu tive que deletar da minha mente, eu tive que mentir para mim mesma, e eu tive que aceitar a mentira da minha mãe: “Não fala que você é indígena, não confia nas pessoas, essa crueldade que você passou aqui em Rondônia, pode ser pior lá fora.”. A minha mãe, ela sofreu abusos, e ela engravidou de mim por conta desse abuso, a gente teve uma vida antes de fuga, que na

verdade é realidade de muitas mulheres indígenas na comunidade, nos territórios, não só na Amazônia, em todo o Brasil.

Luciano: - Fuga da onde para onde?

Zaya: - Fuga de garimpeiro, de madeireiro, fuga de fazendeiro, fuga de grupos milicianes, de homens que sondam, que tão rondando as comunidades, em busca de abusar dessas meninas, dessas mulheres, e os abusos também não são só lá, são nas cidades, muitas meninas caladas, com medo de se expressar, que foi a minha situação. É uma coisa que eu nunca compartilhei com ninguém, as pessoas ao meu redor sabiam, as pessoas viam, desconfiavam, mas ninguém nunca fez nada, ninguém nunca falou nada e eu nunca tinha noção do que fazer, medo do que fazer, eu ia pra escola, eu tentava, tentava me enturmar.

Luciano: - Em Porto Velho?

Zaya continua: - Em Porto Velho, eu tentava ter uma vida normal, mas eu sabia que o abuso tava dentro de casa. Então, muitas vezes eu não queria voltar, eu fugia, muitas vezes eu tive que fazer coisas erradas pra poder me salvar. A minha vontade era de se matar todo dia, (choro, emocionado) e o pior de tudo... é a minha mãe todo dia falar pra mim “você não pode falar que você é indígena por aí, esse lado da nossa história tem que ficar com a gente.”. Hoje eu tô em retomada identitária. Eu me lembro uma vez, eu sentada na frente de uma delegacia a tarde inteira, eu não saí de lá, no meio fio, ninguém me perguntou o que eu tava fazendo ali, ninguém tentou entender, porque aquela menina tá ali sentada a tarde inteira? eu não tinha coragem e me faltava atitude de alguém tentar entender o que tava acontecendo.

Luciano: - Anne, Cê pode me contar a lenda do Boto?

Anne: - Posso, a lenda do boto conhecida nacionalmente é que um belo homem encantador procura as meninas na beira do rio numa noite de festa e dança com essas meninas, encanta e engravida, e vão embora, essas meninas acordam no outro dia e depois de um tempo descobrem que tá grávida e descobre que foi do seu encantado que voltou até o rio.

Luciano: - Esse é o lado bonito dessa lenda, mas essa lenda existe por quê?

Anne: - Quando começaram a explorar a Amazônia e abrir a Amazônia, foram depositando muitos homens na Amazônia e esses homens foram com a missão de abrir o caminho. E a partir disso, quando eles começam a violentar essas mulheres essas crianças começam a nascer, começa-se a associar, que já tinha esse paralelo, com o Boto. E, quando eles se casam e começam a abusar de suas próprias filhas, e essas meninas engravidam, eles, como um contrato silencioso que mantido até hoje, o contrato é mantido, a lenda pode ter variações, mas esse contrato silencioso ele é real na Amazônia inteira. Do qual, quando a menina engravida eles falam que é do Boto, por que? porque eles não vão denunciar o seu

Manoel da padaria que é tão simpático. As pessoas acreditam que, sempre é um ser mitológico, um monstro que vai abusar de sua própria filha e então eles associam ao Boto essa gravidez, e existem meninas ainda hoje que por falta de educação sexual, elas não sabem que aquele ato, e eu já atendi meninas que não sabiam que o que o pai fazia com ela era abuso e quando a gente comunicou pra ela que ela tava grávida ela falava que era impossível, porque aquilo era carinho.

Luciano: - E você, cê nasceu em Brasília?

Anne: - Isso.

Luciano: - Numa família de que tamanho?

Anne: - É... Nasci em Brasília, minha família sou eu, duas irmãs e um irmão e minha mãe.

Luciano: - A tua família, cê nasce em Ceilândia, até que idade cê vive em ..Ceilândia?

Anne: - Eu vivi em Ceilândia até 4 anos, mais ou menos, até uns 4 anos.

Luciano: Ai cê mudou pra Rondônia?

Anne: - E aí, pro El Dourado que dava tanta esperança, minha mãe já tinha perdido toda esperança, uma mulher analfabeta, negra retinta, tinha perdido toda esperança já, e os pais dela já estavam lá.

Luciano: - Em Rondônia?

Anne: - Em Rondônia. E ela trouxe os 4 filhos em um ônibus. E a gente chegou em Porto Velho através de solidariedade, doação.

Luciano: - Cê chega com 4 anos em Porto Velho?

Anne: - Sim.

Luciano: E aí?

Anne: - E quando mãe chega em Porto Velho a gente vai pra uma estância coletiva, na zona sul, depois da estância coletiva, esse homem que é o marido da minha avó, ele... começa a abusar sexualmente de mim, porque eu era a única que não tinha pai , é, próximo. E eu falei pra minha mãe o que acontecia. Quando eu falei pra minha mãe o que acontecia, minha mãe começou a chorar muito, e ela falou: “ninguém nunca acreditou em mim.”. Ninguém nunca acredita em uma preta, ninguém nunca vai acreditar no que gente tem pra falar. E aí minha mãe se fecha, minha mãe se fechou pra sempre... (choro emocionado), até eu descobrir que ela passou por coisas horríveis, ela passou por vários estupros. E aí eu por um tempo também sublimei as memórias, eu não lembrava de tudo, é em um processo terapêutico muito recente que eu começo a lembrar das coisas.

Luciano: - Você vira uma guerrilheira social, potente desse tema, que horas que vira

essa chave?

Anne: - Vira essa chave na hora que eu assisto uma palestra na minha faculdade onde a professora Melissa, eu nem sei se a professora Melissa sabe que ela fez isso, mas a educação ela liberta, a educação quando ela é real, ela liberta, e ela contou da pesquisa que ela fez no Baixo Madeira e dos números absurdos de abusos sexuais e gravidez na adolescência, a exploração sexual pelos dragueiros, pelos madeireiros, e tudo que tava acontecendo. E que até aquele momento, a gente tá falando de 2011, ainda tinham meninas que engravidavam e pensavam que os filhos eram do Boto.

Luciano: - Ela desconstrói (aaaaaa)...

Anne: - Ela desconstrói a narrativa usando a psicologia, que a psicologia no meu caso foi a ponte para essa libertação, para essa virada de chave.

Luciano: - Se você tivesse, andando em Porto Velho, numa tarde, e encontrasse uma menina sentada no meio fio com olho roxo, hoje, essa semana, na porta de uma delegacia, que que cê faria hoje em dia?

Anne: Em primeiro lugar, ouvir, ela precisa, se ela tá ali ela quer expressar algo, então precisaria ouvi-la, acolher. Na minha última palestra do MP, uma garotinha, com taquicardia broquiaspirando e eu chamo ela e abraço ela, ela olha pra mim e fala “Como que você fez para não sentir culpa?”, naquele momento eu entendi o que tava acontecendo com ela.

Luciano: - Faltou isso na tua vida, Zaya? Cê acha que se você tivesse na tua idade, se você tivesse uma rede de acolhimento, naquele momento, teria sido, a história teria sido outra?

Zaya: Acena com a cabeça e confirma que sim. - Teria! Minha mãe tinha muito medo, ela não fazia nada, e ela não, não, não (pausa silenciosa). Ela sabia o que tava acontecendo todo tempo, porque ela tinha que fazer coisas horríveis pra manter a gente viva, é uma experiência horrível, é muito doída, mas eu posso dizer que eu vi a morte e eu não desejo isso para outras adolescentes porque isso é uma maneira horrível de construir uma fortaleza de pedra ao redor de você.

Luciano: - A primeira mudança, assim, estou pensando eu como homem, como pai de uma menina, como brasileiro, querendo de fato que a gente consiga ter um país que a gente não discuta mais esse assunto, primeiro é: essa rede do acolhimento?

Anne: Rede de acolhimento!

Luciano: - Do não imputar nenhum tipo de responsabilidade na vítima. Tem estágios muito diferentes aqui, ouvindo vocês. A Anne, nos seus 34 anos, você processou tudo que você vive?

Anne: - Sim!

Luciano: - Você contou e recontou essa história muitas vezes que virou um projeto social respeitado hoje. Do outro lado a Zaya tá... Primeira vez que a gente tá falando, primeira vez que ela tá falando.

Zaya: - Processo de cura.

Luciano: - É isso!

Zaya: - E você, você se lembra que quando eu te vi a primeira coisa que eu falei “me ajuda a salvar as meninas”.

Luciano: Eu lembro, por isso que a gente tá aqui.

Zaya: - E eu quero aqui pedir ajuda, que as pessoas olhem para as mulheres brasileiras, olhem para as mulheres indígenas, e nos ajudem a ecoar uma voz pelo mundo sobre o empoderamento feminino, sobre a proteção das meninas, sobre o quão importante que é a gente ser acolhida, ser protegida, é importante ensinar aos jovens homens que o corpo de uma mulher é sagrado, sagrado da natureza, que não tem que ser violado nunca. Eu tô contando a minha história porque eu sei que tem muitas meninas lá que não tem coragem de chegar pra uma pessoa e contar o que tá acontecendo, isso tá acontecendo agora, eu venho recebendo denúncias nas redes sociais sobre meninas que passam por coisas, lideranças contando o que tá acontecendo no território.

Luciano: - Anne, a sua ONG, faz o que hoje?

Anne: - Nós trabalhamos ainda com conscientização, com acolhimento, é... mobilizamos ao máximo, no momento, nós estamos dando apoio a projetos que já existem com crianças e adolescentes para que esses projetos possam ser atrativos, para que essas crianças continuem sobre o nosso crivo.

Luciano: - A dor da Zaya, que ela tem coragem de colocar hoje aqui, falar, é exatamente a dor que você tá ajudando essas meninas a curar?

Anne: - Sim! Esse é o trabalho, a necessidade pra que as próximas, se a gente não cortar esse ciclo nessa geração, é transgeracional, geralmente você vai ouvir mães que passaram e que as filhas passam. Então a gente precisa cortar!

Luciano: - Meninas, fato é que vocês não se conhecem, vocês se ouviram, mas vocês nunca se viram, tem uma tapadeira no meio de vocês (silêncio), então, Zaya, essa é a Anne, Anne, essa é a Zaya.

(Trilha sonora nativa e a tapadeira é retirada, as mulheres se abraçam e são tomadas pela emoção)

Zaya agradece a Anne pelo seu trabalho e caracteriza como lindo.

Anne: - Obrigada por dar voz, porque, se as meninas já são invisibilizadas, as meninas indígenas, as meninas que tão no meio da floresta, eu não posso imaginar, sabe?

(Ambas se abraçam e choram emocionadas)

Luciano: - Meninas, eu queria, que eu tô, primeiro, muito grato, pela confiança das duas, segundo, eu tô muito, me sinto ainda mais responsável em cada vez mais apoiar vocês, se juntar, como se tivesse segurando junto a haste da bandeira, da gente mudar a educação, mudar a percepção, mudar o jeito de enxergar esse problema entender que é o problema de todos nós, entender que a gente precisa educar as próximas gerações, meninas e meninos, de um jeito diferente. A gente não pode mais normalizar qualquer tipo de exploração com menores, a gente não pode ver uma cena e achar que a gente não faz parte daquele problema. A gente não pode parar e pensar: Ah, isso aqui não é comigo, é comigo! Então, brigado Zaya, brigado Anne, do fundo do meu coração. Eu queria dizer duas coisas, se você me permite, a Zaya graças a Deus, a vida andou, muito, você é uma personalidade do mundo da moda muito respeitada, muito respeitada, capa das revistas mais importantes no mundo, dos editoriais, o cinema respeita a Zaya e eu acho que você é talentosa, inteligente, linda, representativa, então, graças a Deus andou.

Anne: - E com a força da natureza!

Luciano: - Com a força da natureza!

Luciano: - E você Anne, precisa ser apoiada, porque você tá na linha de frente, você tá na batalha, a Zaya tem que apoiar a Anne, o Luciano tem que apoiar a Anne pra que as outras Zayas que ainda tão em Rondônia ali, possam saber com quem elas podem contar. Então, vocês estão participando de um programa que se chama: fazer o bem sem olhar a quem, que a gente já contou história de professor, já contou história do sopão da esperança, já fez vários recortes diferentes pra mostrar que fazer o bem, pode ser feito de diversas maneiras, contanto que a gente espalhe, multiplique, o fazer o bem, então, para que você siga fazendo o bem, eu soube que você tinha algumas necessidades na ONG nova, então eu queria propor duas coisa, primeiro pra você que tá me assistindo agora, você siga a Anne e o projeto dela, e Anne a gente tá fazendo uma doação agora de 120 mil reais pra sua ONG, porque eu soube que você precisava de um carro, então esse valor do carro, é o mínimo que a gente pode fazer, você precisava de um carro, então o carro tá dado, tá bom? e que muita gente te ajude.

(Anne tomada pela emoção chora muito)

Luciano encerra a entrevista agradecendo a parceria com o instituto Liberta.

Ao final, são colocados *takes* de pessoas relatando, de diferentes lugares sociais e lugares geográficos, que também foram vítimas de violência sexual e levantando a bandeira

de que as pessoas precisam denunciar e quebrar o ciclo.